

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES

ALEXANDRE BIANQUINI DO AMARAL

**Crônicas esportivas – estudo de caso sobre a produção acadêmica no
Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA-USP
Período de vigência da bolsa: 2017-2018**

São Paulo

2017

ALEXANDRE AMARAL

**Crônicas esportivas – estudo de caso sobre a produção acadêmica no Departamento de
Jornalismo e Editoração da ECA-USP.**

Relatório de Pesquisa em Iniciação Científica apresentado ao Programa Nacional de Cooperação Científica (PROCAD) dos Programas de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul e Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Orientador: Prof. Dr. Luciano Victor Barros Maluly.

São Paulo

2017

Autorizo a divulgação do texto completo em bases de dados especializadas e a reprodução total ou parcial, por processos foto copiadores, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que citada a fonte.

Assinatura: _____ Data: _____

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer à minha família, que sempre me apoiou no esporte e no jornalismo, aos meus companheiros esportistas e aos professores Luciano Victor Barros Maluly e Eneus Trindade Barreto Filho por terem me propiciado esta oportunidade. Agradeço também ao Programa Nacional de Cooperação Acadêmica (PROCAD) entre os Programas de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo e as Universidades Federais do Mato Grosso do Sul e do Rio Grande do Norte pela bolsa de estudos em Iniciação Científica.

RESUMO

AMARAL, Alexandre Bianchini do. **Crônicas esportivas – estudo de caso sobre a produção acadêmica no Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA-USP.** Iniciação Científica. PROCAD PPGCOM USP-UFMS-UFRJ. Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

Este trabalho apresenta os resultados da pesquisa em Iniciação Científica integrada ao PROCAD (Programa Nacional de Cooperação Acadêmica) entre os Programas de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo e das Universidades Federais do Mato Grosso do Sul e do Rio Grande do Norte. O estudo de caso observou a produção de crônicas esportivas dos alunos do curso de jornalismo do Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, em 2017.

Palavras-chave: Crônicas Esportivas. Jornalismo Esportivo. Literatura & Esportes.

ABSTRACT

AMARAL, Alexandre Bianchini do. **Sport Chronicles - a case study on academic production in the Journalism and Publishing Department of ECA-USP.** Scientific research. PROCAD PPGCOM USP-UFMS-UFRJ. School of Communications and Arts, University of São Paulo, São Paulo, 2017.

This paper presents the results of the research in Scientific Initiation integrated to PROCAD (National Program for Academic Cooperation) between the Post-Graduate Programs in Communication Sciences of the University of São Paulo and the Federal Universities of Mato Grosso do Sul and Rio Grande do Norte. The case study observed the production of sports chronicles of students of the journalism course of the Department of Journalism and Publishing of the School of Communications and Arts of the University of São Paulo in 2017.

Keywords: Sport Chronicles. Sports Journalism. Literature & Sports.

LISTA DE SIGLAS

CEPEUSP - Centro de Práticas Esportivas da USP

ECA - Escola de Comunicações e Artes

PPGCOM - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação

PROCAD - Programa Nacional de Cooperação Acadêmica

UFMS - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

USP - Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

(9) INTRODUÇÃO

(10) CAPÍTULO 1 – Crônicas Esportivas Autorais

(13) 1.1 Crônicas do autor

(13) Atingidos pelo Raio

(16) Meia Dúzia de Gatos Pingados

(19) Um Empurrãozinho

(22) Wah Gwan? Mi Deh Yah!

(24) CAPÍTULO 2 – Pesquisa e Atividades Complementares

(24) 2.1 Pesquisa Análise e Montagem do Caderno de Jornalismo Esportivo – Volume 3

(27) 2.2. Atividades vinculadas à Pesquisa

a) Acompanhamento das Aulas

b) Palestras

c) Visita Técnica

d) Produção Bibliográfica

e) Eventos Científicos

(29) CONSIDERAÇÕES FINAIS

(31) REFERÊNCIAS

INTRODUÇÃO

O esporte é vida, inspira e provoca mudanças capazes de virar de ponta cabeça nossas concepções de mundo. Não é à toa que tantos de nós temos atletas como ídolos. A busca pela excelência aliada à constante superação de limites que o esporte oferece servem de modelo para que todos busquemos ser o melhor que podemos ser. Seja pelas memórias das conquistas queridas que estimamos, ou pelas competições amadoras de que participamos (que transformam peladas de fim de semana com os amigos em questões de vida ou morte), as práticas esportivas envolvem nossa vida de diferentes aspectos. E embora não seja fácil explicar a importância de todos os sonhos, sorrisos e lágrimas que compartilhamos pelo esporte enquanto crianças e adolescentes, eles são lições que levamos para toda a vida.

É da vontade, e de certa forma até mesmo de uma necessidade, de documentar os momentos inesquecíveis desse universo que nasce o jornalismo esportivo. A importância de qualquer trabalho vinculado ao jornalismo esportivo ampliar a divulgação e a percepção das diferentes faces do esporte e da Educação Física, desde a variedade de modalidades até a sua relação com outras ciências. Nesse ponto, a qualidade da notícia se mede pelo seu cuidado com o interesse público relacionado à temática esportiva. O bom jornalismo esportivo é aquele que também é capaz de abordar com propriedade a saúde, a educação e o lazer, e empoderar o cidadão que passa a ser capaz de aprender e ter discussões críticas sobre o papel do esporte na sociedade.

Para isso, é necessário um cuidado especial com as técnicas e princípios de cada gênero do jornalismo esportivo; ainda mais no caso de um gênero opinativo tão livre, e que adquiriu tanta notoriedade, quanto a crônica esportiva. Esta Pesquisa de Iniciação Científica integra o PROCAD (Programa Nacional de Cooperação Acadêmica) que vincula os Programas de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação a Universidade de São Paulo e das Universidades Federais do Mato Grosso do Sul e Rio Grande do Norte. O objetivo é analisar as crônicas esportivas produzidas dentro do Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, tendo como base o material produzido na disciplina *CJE 0634 - Jornalismo Esportivo - a pauta além do futebol*. Assim, também estão inseridas as crônicas do autor.

CAPÍTULO 1 - Crônicas Esportivas Autorais

A crônica é distinta de um simples relato jornalístico. De caráter opinativo e temas variados, a crônica é capaz de eternizar na história do esporte fatos marcantes, emoções profundas e até mesmo deslizes que passariam despercebidos no cotidiano.

No Brasil, a crônica vem, pouco a pouco, ganhando relevância na cobertura do jornalismo esportivo. Autores como João Saldanha, Nelson Rodrigues, Armando Nogueira e Ruy Carlos Ostermann têm contribuído para formar uma visão histórica do esporte (e também do jornalismo) brasileiro por meio de seus escritos.

A crônica esportiva brinca com a realidade para além dos ginásios e campos; em meio ao trabalho, às rodas de conversa, ao cinema, aos verbetes e às origens sociais. Se por um lado, ela está vinculada aos fatos, e suas ponderações podem servir como reflexão e crítica social, por outro, ela tem um quê de literariedade através do qual o autor tem carinho especial com as sensações e os sentimentos de seus personagens. Como Ivan Cavalcanti Proença revela em seu livro *Futebol e Palavra*:

A crônica esportiva, em resumo, oferece campo de trabalho que nos permite uma visão global, ampla, do mundão popular/democrático, de nossas gentes e de nossos hábitos, favorecendo a quem as escreve, de uma forma ou de outra, aproximar-se do conceito de atuante, do fazer artístico (práxis literária, no caso); chances, assim, à aproximação do realismo crítico – dimensão e força social, participante, humanista (no sentido de “com pés no chão”), que se pretendem íntimos de quem exerce o ofício de escritor. (PROENÇA, Ivan Cavalcanti, 1981)

Seguindo o raciocínio de Cavalcanti, podemos pensar que o ponto de vista da crônica não se limita a quem a escreve, mas se torna um reflexo das lembranças dos atletas e torcedores fanáticos que a lêem, tanto de forma individual quanto coletiva. Analisando o conteúdo das crônicas brasileiras, como a seguinte, de João Saldanha, podemos perceber como para os vinculados ao meio esportivo, é quase impossível separar a vida pessoal, social e esportiva.

... A turma do Bagaço já estava indócil, esperando *Seu Cavalcanti*, que fora trocar os dólares em notas pequenas. Garrincha e Paulo Valentim tinham posto o terno tropical e um perfume argentino que tem grande

cotação no meio do futebol. É de amargar, principalmente em recinto fechado.

O pagamento do *bicho* ia ser feito no bar do hotel, que estava quase vazio, e, enquanto esperavam *Seu Cavalcanti* voltar da casa de câmbio, o Garrincha explicava:

– Meu novo “faixa”, agora, é o Macaco Alemão, o Gato é muito burro...

(SALDANHA, João, 1980)

Exatamente por ser mais próxima do leitor com o uso de expressões coloquiais, o estilo de escrita da crônica tem uma capacidade única de despertar o interesse do público. Ao mesmo tempo, a crônica corre o risco de se apoiar na superficialidade ou no exagero, se mal trabalhada, o que reforça a atenção e o cuidado com que ela deve priorizar a relevância jornalística e o interesse público.

Nesse contexto, um de seus principais objetivos deve ser divulgar acontecimentos e reflexões ligadas à prática esportiva, estimulando o esporte como caminho para a qualidade de vida. A partir da disseminação de valores, como os Valores Olímpicos de excelência, amizade e respeito, a crônica se torna capaz de contar histórias visando o desenvolvimento humano e social.

A partir dos estudos feitos sobre os princípios e técnicas da produção de crônicas, e da leitura dos textos de alguns dos principais autores brasileiros do gênero, presentes no livro *Futebol e Palavra*, foram produzidas as seguintes crônicas autorais.

O intuito da escrita delas foi causar reflexão sobre alguns aspectos da prática esportiva em nossas vidas. Elas têm como foco mostrar que ações e atitudes relacionadas ao esporte (mesmo que não necessariamente o esporte de alto rendimento), influenciam a cultura e a sociedade em que se inserem.

Além disso, houve um cuidado especial para fomentar os valores do olimpismo, como a amizade, a compreensão mútua, a igualdade, a solidariedade e o "fair play". A ideia é que através das crônicas, a prática destes valores ultrapasse as fronteiras das arenas esportivas e influencie a vida de todos.

É importante ressaltar que para conseguir mais informações e ter propriedade para falar sobre os assuntos abordados nas minhas crônicas esportivas autorais, foram realizadas

visitas técnicas *in loco*, sendo elas: no Esporte Clube Pinheiros, no Centro de Práticas Esportivas da USP (CEPEUSP) e na Jamaica.

As visitas ao Esporte Clube Pinheiros e ao CEPEUSP possibilitaram conversas muito interessantes com atletas, tanto amadores quanto de alto rendimento, que convivem diariamente com o esporte. Os assuntos abordados passaram pela rotina, treinamento, saúde, realização pessoal e preparo físico voltado à competições.

Além disso, a grande quantidade espaços e as modalidades variadas presentes nestes locais aproximou meu contato com realidades de esportes diferentes, como a esgrima, o levantamento de peso e a paracanoagem etc, e sua história registrada no museu do esporte do Clube Pinheiros. Dessa forma, tive contato inédito com esportes que possuem especificidades técnicas e de preparo mental muito instigantes, ampliando meu entendimento das implicações do esporte na formação humana.

Durante o período desta Iniciação Científica também viajei à Jamaica. Meu objetivo principal foi participar da Global Media and Information Literacy Week Feature Conference 2017, que ocorreu no país. Mas também aproveitei a oportunidade para afiar meu olhar à respeito da cultura esportiva local.

Seja nas ruas, nas lojas esportivas ou nos estádios da Jamaica, pude perceber que o esporte é muito vibrante no país. A visita me propiciou reflexões sobre o papel do esporte como parte da cultura e história de um povo, e questionamentos sobre a nossa própria relação com o esporte no Brasil, que tentei transmitir com minhas crônicas autorais.

1.1. Crônicas do autor

Atingidos pelo Raio

Alexandre Amaral

Ele a cruzou pela última vez. Ao final de uma volta olímpica cheia de aplausos, Bolt se ajoelhou na linha de chegada e agradeceu. A despedida da lenda não terminou com uma medalha. Na verdade, Bolt sentiu câimbras e não conseguiu terminar sua última prova, antes de se aposentar no mundial de Londres, 2017. Mas a mensagem que o ídolo passou com sua carreira pode ser a responsável pelo futuro do esporte.

Usain Bolt é o atleta mais rápido que o mundo já viu. Sua jornada para o estrelato mundial começou nos Jogos Olímpicos de Pequim, em 2008, onde conquistou três medalhas de ouro. Tal façanha foi repetida por Bolt em Londres (2012) e, no Rio (2016), consagrando-o como um ídolo na história do atletismo. E que passagem ele fez por aqui. Esqueça o famoso “Triple Triple” e as conquistas dentro da pista. Bolt se tornou mesmo um super-herói ao encontrar a torcida andando pelas ruas do Rio.

Atualmente, Bolt mantém os recordes mundiais nos cem, duzentos, e no revezamento quatro por cem metros, com tempos de 9.58 segundos, 19.19 segundos e 36.84 seg. Mas talvez o maior legado do ídolo jamaicano seja a visibilidade e a alegria que ele trouxe ao esporte do atletismo. É impossível falar de Bolt sem lembrar da afinidade com que ele tratava as câmeras, os repórteres e até mesmo seus adversários. Isso sem falar da pose do Raio para delírio da torcida. Seu carisma influenciou toda uma geração de novos atletas, e seus sorrisos marcaram milhares, com memórias para toda a vida.

Mas nem mesmo Bolt conseguiu correr do tempo. Sua velocidade e seu preparo já não se mantiveram mais os mesmos da juventude, e Bolt, com trinta anos, decidiu se aposentar. E parou com uma visibilidade enorme, homenageado por sua carreira brilhante. O resultado de sua última prova não foi o esperado, mas pouco importa. Nada é capaz de comprometer as conquistas do Raio, que se tornou símbolo do esporte, independentemente de nacionalidade.

O que nos resta a imaginar é se alguma vez outro atleta conseguirá preencher o posto, agora vago, de Bolt. Com certeza, essa é uma pergunta que definirá o futuro do atletismo. Até que ponto o atletismo sentirá a perda de uma de suas grandes lendas?

A discussão se aprofunda ainda mais ao considerarmos o atletismo brasileiro. Embora a Confederação Brasileira de Atletismo tenha considerado positivo o balanço geral do país no mundial (uma medalha de bronze e nove atletas disputando finais), em um contexto mais amplo, o desempenho do atletismo brasileiro continua fraco. E as poucas vitórias que o país conquista são em maior parte devido a um enorme esforço individual do que um programa de treinamento coletivo.

Como não lembrar da participação de Robson Caetano nas Olimpíadas de Seul (1988)? O único atleta brasileiro a conseguir se classificar para a final dos cem (terminou em quinto) que ainda conseguiu trazer uma medalha de volta para casa, cruzando a linha de chegada dos duzentos metros em terceiro lugar. Há ainda outros nomes que merecem serem lembrados, como Joaquim Carvalho e Rosângela Santos, além do esquadrão da prata do revezamento 4x100 de Sydney em 2000; Vicente Lima, Edson Ribeiro, André Domingos da Silva e Claudinei Quirino da Silva.

Os melhores resultados e as poucas medalhas espalhadas pelos campeonatos mundiais são fruto da oportunidade que alguns atletas de ponta têm de treinar no exterior. Mas entre a elite do atletismo brasileiro que consegue arranhar o pódio mundial e a grande maioria dos nossos atletas, existe um abismo imenso.

Após milhares de reais de investimento em instalações olímpicas para a prática de atletismo, a maior parte das instalações no Rio de Janeiro continuam sub-utilizadas. Além disso, é possível contar nos dedos outros locais adequados para a prática da modalidade, como o Ibirapuera em São Paulo, o Centro Olímpico de Presidente Prudente e algumas faculdades estaduais e federais espalhadas pelo Brasil.

Mas mesmo quando a infraestrutura existe, falta pessoal capacitado em ministrar treinamento competitivo, especialmente para as categorias de base. Não é à toa que a construção de ídolos para o atletismo brasileiro seja penosa.

E se Bolt ajudou de alguma forma a inspirar os jovens do atletismo, não podemos deixar isso passar em branco. As crianças de hoje que imitam o símbolo do raio ao disputar uma corrida, ou que sorriem quando ouvem menção à lenda, são uma oportunidade de mudar a realidade do esporte. E não me refiro à burocracia dos resultados e das medalhas. Refiro-me à oportunidade de repensar os valores e a importância que é dada ao esporte como saúde, diversão e superação, que só é eficaz com um trabalho sério de base.

Uma oportunidade única, mas que assim como o mais rápido de todos, não dura para sempre. Melhor começarmos a correr.

Meia dúzia de gatos pingados

Alexandre Amaral

Até que enfim, o inverno acabava. Ainda estava um pouco frio, mas após três meses limitado ao treinamento “em terra”, eu poderia voltar às piscinas. E que piscinas! Duas piscinas de vinte e cinco metros e uma de cinquenta. Olímpica! Meus olhos brilhavam como os de um garoto de dez anos ao lembrar daquelas verdadeiras beldades do CEPEUSP.

Vale notar que sempre pratiquei a natação desde muito jovem. E embora competia entre os atletas amadores do estado (viajei inúmeras vezes para participar de competições - modéstia a parte - relativamente fortes), eu só tinha tido a oportunidade de nadar em duas piscinas de cinquenta na vida. A formosa piscina do Bolão, na minha querida terra de Jundiá, e o majestoso tapete azul do Ibirapuera.

Para comparação, imagine que a situação é parecida a dos garotos que, acostumados às peladas em campos de terra com buracos e sem traves, jogam pela primeira vez em um Maracanã, de grama lisa.

Pois bem, foi assim mesmo que me senti ao competir, vejam bem, competir, naquelas piscinas olímpicas. Agora imaginem o quão deslumbrante é a oportunidade de poder treinar em uma preciosidade dessas diariamente. Era luxo! Sonho! Daqueles que você nem sabia que era possível sonhar. Tudo bem que a água não era aquecida (por isso mesmo estava fechada durante o inverno). Mas quem se importava? Deus sabia que havia muito mais em jogo do que tamanha frivolidade.

Finalmente, o dia de reabertura! Apertei o passo depois da aula e corri para fazer o exame dermatológico. Precisava dele para me liberarem, e logo cairia na piscina. Quanta ingenuidade a minha. Havia uma fila gigantesca para o exame.

“Claro,” pensei. “Como não?” Todos certamente passavam pela mesma expectativa que eu. A vontade de treinar era enorme.

Pois sentei. Levantei. Fui perguntar quanto tempo demoraria. Sentei de novo. Olhava para o relógio. Será que ia dar tempo? Tinha compromisso no meio da tarde. Levantei para esticar as pernas. Agonizava. Já se passavam mais de horas. Dezenas ainda na minha frente. Uma a uma, as pessoas saíam da sala de exame. Já com seus trajes aquáticos, se dirigiam às piscinas. Era uma tortura. Um muro barrava minha visão, de forma que nem acompanhar os treinos eu conseguia. Todos nadando, e eu ali. Devastado.

Não sei como, mas consegui o tal do exame em tempo de nadar. Teria que ser um treino rápido, quase como um reconhecimento do local, mas seria o suficiente para alimentar o espírito. Logo recuperaria o tempo perdido. Que tomassem cuidado nas competições, pois nenhum outro nadador passaria a perna em mim por falta de treino!

Me troquei e fui. Frenético. Rumo à piscina de cinquenta. Quando cheguei na borda, olhei ao redor. E para minha surpresa... Ninguém? Todas as raias estavam livres. Estranhei. Aparentemente estava tudo certo. Decidi entrar na água. Fria como esperado. Talvez até um pouco mais do que o esperado. Mesmo assim, comecei o treino que tinham me passado. Me senti realizado. Toda uma piscina daquelas, só pra mim. Foi memorável.

Algumas outras pessoas apareceram eventualmente. A maioria caía na água e logo ia embora. Mesmo quando terminei meu treino, ainda eram poucos os que ocupavam a piscina. Dois numa raia. Um na outra. No total, meia dúzia de gatos pingados. Mas o mistério continuava. Onde diabos havia ido parar toda aquela gente da fila do exame?

Antes de sair, decidi rodear o outro lado do conjunto. E não é que descobri a verdade? Todos os bonitões da fila, sentados tomando banho de sol! Me perguntei o que diriam os grandes atletas universitários do esporte, como Benjamin Proud, Maya Dirado, Henrique Martins... ao se depararem com tal situação. Logo ao lado de uma piscina olímpica! Eu não me conformava...

Dois dias depois, lá estava eu novamente. Mas o que encontrei foi uma situação completamente diferente. As piscinas estavam lotadas! As pessoas apinhadas como sardinhas.

Quase não era possível ver um metro de água sem alguém. Só de chegar perto da borda eu já conseguia sentir o calor humano que emanava.

Era uma belo dia. O sol brilhava e me enchia de esperança da natação uspiana. Me arrependi de ter julgado os universitários tão cedo. Deveria ter dado um tempo para as coisas voltarem ao seu ritmo normal.

Comecei o treino. De início, me senti um pouco apertado, dada a quantidade de gente na raia. Mas logo antes de completar mil metros, eu já nadava mais tranquilo. Não demorou muito para algumas nuvens aparecerem no céu. A temperatura também caiu. Mas como meu corpo estava quente, continuei sem balaquear.

O vento aumentou e ameaçava chover. Não precisei nem tirar a cabeça da água para saber o que acontecia na superfície. Senti as ondas das raias laterais diminuírem, e tinha cada vez mais espaço livre para nadar. Os universitários voltavam correndo aos vestiários cobertos, deixando para trás a piscina. Uma piscina de dar inveja em qualquer aspirante à atleta. Mas nela, só restava eu.

Eu e meia dúzia de gatos pingados.

Um empurrãozinho

Alexandre Amaral

A vida é feita de desafios. Lá estava eu: Camiseta, blusa (que mais parecia um capote), calça jeans e – o que viria a ser o mais pesado – tênis. Pronto para pular na piscina. Mas antes, um dos meus técnicos, o Renan, foi buscar a corda. Corda? Pra amarrar os pés. E os braços presos atrás das costas, lógico. Só faltava colocar a venda nos olhos... e PRONTO! “Gira o moleque no lugar pra perder o equilíbrio!” Uma, duas... vinte. “Agora, pula.”

E com um empurrãozinho fui parar no meio da piscina. O desafio? Chegar na borda, de preferência sem se afogar pelo caminho.

Se com seis meses de idade meus pais já tinham me colocado na água pra perder o medo e ir aprendendo a nadar, agora, praticamente vinte anos depois, era bom que a estratégia deles funcionasse. Estávamos durante a semana de treinamento de sobrevivência aquática e eu e meus técnicos decidimos, digamos, levar a brincadeira pra outro nível. O lado bom era que eu estava preparado pra sobreviver a qualquer naufrágio – e também para participar da gravação de qualquer filme de ação que se preze, se é que isso conta.

Fato é, cheguei na borda. Mas brincadeiras à parte, devo admitir que precisei de muito mais do que um empurrãozinho durante minha vida esportiva para chegar onde cheguei em termos de amadurecimento pessoal.

Como quase todo garoto, ainda jovem, fui para o futebol. Me tornei o famoso Goleirão. Em parte porque não era tão bom na linha, em parte porque até que alguém fosse pro gol, não ia ter jogo. E o que queria era jogar. Acabei pegando gosto pela posição. Mas gostava mesmo do fato que todas as quartas e sextas de manhã, meu avô vinha em casa e eu tomava café enquanto assistíamos os Três Patetas na TV. Depois disso, ele me levava jogar bola. Até hoje acredito que boas risadas são o melhor pré-treino.

Fui crescendo e o futebol foi junto. Em casa, meu pai era ídolo. Bom de bola mesmo. Aprendi com ele o que é fazer o certo. E também com a minha mãe, que nunca me fez duvidar de mim mesmo.

Mas uma das coisas que mais me impressionava no futebol era que não importava onde, fosse no time da escola, no bairro, na academia... se juntassem um time, os integrantes se tornavam sangue do mesmo sangue. As diferenças, se é que haviam, ficavam de lado. O importante era que cada um desse tudo o que tinha dentro de quadra, o que normalmente era reconhecido com um simples olhar ou um aceno de cabeça, mas que valia mais do mil palavras.

Por um convite de um amigo, decidi praticar vôlei. Comecei a “ficar bom” na raça. Três horas de treino, cinco dias por semana. Defendi o time de Jundiaí por anos na Federação, e espero não ter feito feio. Minha categoria sempre custava para formar um time competitivo, então na maioria dos meus anos, eu completava o time dos mais velhos. Devo dizer, no começo eu tomava muita bolada. E não pensem que por ser mais novo, a cobrança era menor.

Eu era ponteiro titular, e de titular se espera muito. Era esporro atrás de esporro. Flexão atrás de flexão. E haja suor dos quilômetros corridos embaixo do sol. A gente podia não ganhar muita coisa; afinal, os atletas do Pinheiros tinham toda uma estrutura de treinamento, os atletas do Sesi eram tão altos e barbados que pareciam pais de família, e alguns outros times nos superavam taticamente. Mas ninguém, NINGUÉM, podia dizer que o nosso time não era o mais disciplinado e o mais preparado fisicamente. Os atletas faziam questão de dizer que treinar com o Pires era pior do que exército. E eu tenho certeza que era. Nenhuma pessoa sã diria o contrário.

Ao mesmo tempo, foi a época esportiva mais marcante da minha vida. Só tenho a agradecer a todos os ensinamentos e o carinho que o Pires e o Felipe me passaram ao longo desses anos. Aprendi verdadeiramente o que é ter respeito pelos outros. O que é se entregar totalmente a uma causa e fazer parte de uma equipe. Como responder à altura a pressão e a responsabilidade para com os outros. E quando fui capitão, aprendi o que é liderar de maneira firme e justa.

Se eu fosse me estender por tudo que gostaria, não acho que acabaria esta crônica, tamanhos os momentos que tenho gravados em minha memória, que sei que levarei para toda a vida. Mas no fim das contas, como podem ter imaginado, voltei para a natação. Um esporte maravilhoso, que por ser individual, nos ensina muito sobre superar nossos próprios limites.

Falando nisso, hoje ainda tenho treino e, mês que vem, competição. O Giorgio não vai dar mole não. Já consigo até imaginar minha situação depois dos tiros... o de sempre: ânsia, câimbras, falta de ar. Mais importante: um sorriso no rosto, risadas de companheirismo e a sensação de um dever cumprido. Abro os braços, e que venha o próximo desafio.

Sei que se cheguei até algum lugar no esporte, os campeonatos que venci e as medalhas que conquistei, não cheguei lá sozinho. Na verdade, precisei da minha família, dos meus técnicos, e de todos os companheiros – do meu time e também adversários – para aprender um pouco mais sobre o esporte. E muito mais sobre a vida.

Essa crônica é pra vocês. Aqueles que me deram nada mais do que um empurrãozinho.

Wah Gwan? Mi Deh Yah!

Alexandre Amaral

Fui pra Jamaica. Quem diria, não? Admito que até eu mesmo fiquei surpreso em como as coisas se desenrolaram. Participei como representante jovem no evento Global MIL Week 2017 da UNESCO, compartilhando um pouco da minha experiência com jornalismo. O evento tinha por objetivo debater a importância de Media and Information Literacy (Alfabetização Midiática e Informacional, em português) nos tempos atuais. Ou seja, como pensar criticamente sobre as informações que consumimos e criamos.

Mas afinal, qual a relevância disso, em um contexto esportivo?

Para voar de São Paulo à Kingston, o voo mais barato tem uma escala em Miami. E devo dizer que, para qualquer pessoa que pega os dois voos na sequência, a diferença de público é bem marcante. No segundo, digamos que os ares são menos consumistas e mais alegres. Roupas coloridas, comida picante e interessante, e um povo que tem simpatia de sobra. Como os vários amigos que fiz lá tentaram me explicar, sempre com um sorriso no rosto: Wah Gwan? Mi Deh Yah!

Meu primeiro ponto dessa crônica: sempre é bom pensarmos criticamente.

À caminho do hotel, o torcicolo foi inevitável. “Cadê?” Minha mente se perguntava freneticamente, enquanto o taxista tentava nos explicar onde iríamos passar pelo estádio nacional da Jamaica. Até a minha confusão com o mão inglesa ficou de lado quando me deparei com a sombra do imponente estádio à minha esquerda. Imaginei quantas histórias de luta e superação não haviam passado por ali.

Foi naquele momento em que o taxista virou expert histórico. Personagens e datas voavam facilmente da boca do homem, que estufava o peito. A lista continuava: Como e os locais específicos onde treinavam, as competições nacionais ali realizadas... Descobri até que o Bolt tinha um restaurante. Por vezes eu não sabia quem era fulano ou ciclano, mas que a corrida estava no sangue dos jamaicanos, isso estava. Até no trânsito conseguiam correr!

Segundo ponto: O esporte não se limita às grandes arenas.

Uma vez instalado, reencontrei bons amigos que muito gentilmente me convidaram para um almoço da cozinha típica local. O almoço foi excepcional. Conversamos e discutimos algumas coisas que tínhamos que fazer nos próximos dias, mas sempre do jeito jamaicano: com muito bom humor.

Na caminhada que se seguiu, logo nos deparamos com algo que, pelo menos para mim, era inédito. Nos meados das ruas metropolitanas de Kingston, uma mini pista de corrida desenhada nas calçadas. Não pensamos duas vezes. Ready, set, go!!! Meu amigo jamaicano deu a largada para os forasteiros fazerem jus à terra em que estavam.

Terceiro ponto: O esporte é reflexo da atitude de um povo e vice-versa.

Alguém que assistisse a cena poderia duvidar que aquilo era esporte. Afinal, foi uma disputa de compadres e comadres que decidiram por bem cruzar a linha de chegada empatados. Não havia nenhum preparo anterior ou trajes adequados. Mas ali existia a essência do esporte: Uma atividade física que trazia diversão e satisfação.

Por muitas vezes, vemos histórias distorcidas que supostamente são sobre a prática esportiva de alto rendimento, mas que nada passam de intrigas e interesses políticos sem qualquer relação com o esporte em si. Quantas discussões já não foram travadas e rivalidades estabelecidas por falta de uma reflexão crítica sobre as notícias que consumimos?

Nesse ponto, minha estadia na Jamaica me fez perceber como o esporte está vinculado à história e à cultura de determinado local. O esporte está nas ruas e nos gestos. Mais do que isso, o esporte está nas pessoas. No caso dos habitantes de Kingston, ele está no modo positivo com que eles encaram um dia após os outros.

Não vou nem mencionar o sucesso jamaicano dentro das pistas. Não é nada mais do que o reflexo do esporte que acontece fora delas.

CAPÍTULO 2 – Pesquisa e Atividades Complementares

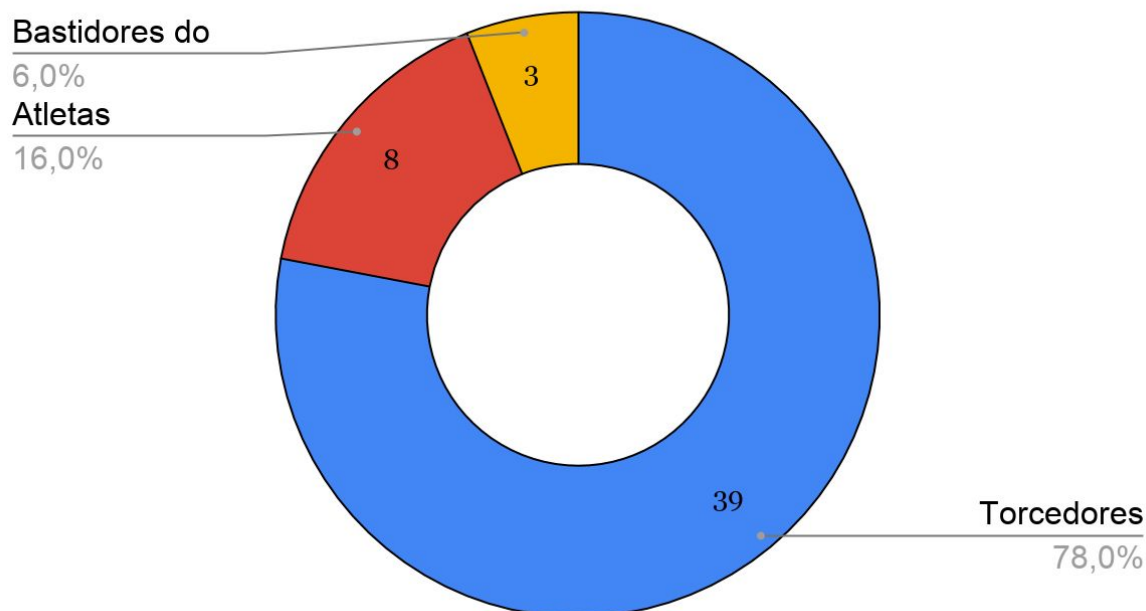
2.1 Pesquisa Análise e Montagem do Caderno de Jornalismo Esportivo – Volume 3

Como parte complementar do acompanhamento das aulas de jornalismo esportivo, atuei como organizador da montagem do *Caderno de Jornalismo Esportivo 2017 – Volume 3*, ao lado do professor e orientador desta pesquisa, Luciano Victor Barros Maluly.

A atividade se baseou na elaboração de crônicas sobre as lembranças dos alunos e das alunas que cursaram a disciplina, desde os que tomam parte nos diversos cursos da graduação quanto os alunos da Terceira Idade, ligados à Universidade de São Paulo. O livro está publicado na internet, com a coletânea das crônicas de cada um.

No total, foram 50 crônicas autorais produzidas pelos alunos. A partir de uma análise de seu conteúdo, é possível distingui-las da seguinte forma:

Crônicas do Caderno de Jornalismo Esportivo – Volume 3



É possível notar três estilos distintos que marcaram os textos dos cronistas: O primeiro e o mais numeroso deles é o dos *Torcedores*, que compõe 78% dos textos. Estas crônicas foram escritas pelos torcedores que demonstram o amor eterno pelos

clubes de coração. Nesta seção de crônicas é possível encontrar lágrimas e sorrisos da vida privada que remetem ao imaginário de milhões de brasileiros, eternizando através de palavras, algumas das maiores conquistas e das derrotas mais memoráveis do esporte brasileiro.

Como exemplo, segue um trecho da crônica *O dia que me redescobri atleticano*, de Stéfano Silveira:

“O jogo se desenrolou com um 1 a 1 que não aparentava apresentar tanto perigo.

Mas eis que Leonardo Silva cala toda a euforia atleticana.

46 minutos do segundo tempo... pênalti, bobo.

E só podia ouvir meu pai repetir “de novo não”.

Não era a primeira vez, ouvi este “de novo não”, ouvi algumas vezes em minha infância.

Contra o Botafogo na Copa do Brasil.

Contra o Cruzeiro no Brasileirão.

Contra mais uma vez o Botafogo, na Copa do Brasil.

Era, mais uma vez, o começo do caos.

O fim de um sonho por um último lance de jogo.

Silêncio.

O som do apito ressoa.

Riascos.

Victor.

Riascos.

Victor.

VICTOR.

VICTOR.

VICTOR.

E de novo, não.

Ao menos desta vez.

Os demônios foram exorcizados por São Victor, o torcedor atleticano era quem se exaltava com o resultado final da partida.”

O segundo estilo que percebemos é o dos *Atletas Amadores*, presente em 16% das crônicas. Nestas crônicas surgem os craques do cotidiano que relembram os momentos mais marcantes que passaram nas quadras e nos campos. Nestes textos, os autores trabalham os valores pessoais que atribuíram às suas experiências, relacionando-as ao dia a dia da escola

ou do trabalho, como podemos perceber no trecho da crônica *Rumo ao estrelato - mesmo que só por um dia*, de André Martins Gonçalves:

“Entretanto, o próprio já se mostrava desacreditado na partida. Até tinha dado as costas para a cobrança e caminhava até o meio da quadra. Como já estava no final da partida, foi talvez o único momento em que subi para o ataque. Isso porque era em uma quadra, com menos de 15 metros de comprimento. Na arquibancada, qualquer coisa parecia ser mais interessante do que ver essa derradeira esperança de gol. Alguém do meu time cobrou o escanteio no maior estilo “chuveirinho”, totalmente sem pretensão nenhuma. Afinal, nem nosso centroavante estava na área. Para tirar de cabeça a bola, subiu o maior do time adversário. Mais de 1,80 com apenas 14 anos, fora consideráveis centímetros só de cabelo. Era uma réplica do penteado da Marge Simpson, só que na coloração loira. Eu estava atrás dele, já desiludido acerca de qualquer oportunidade. No momento em que ele pulou, eu inclinei a cabeça como quem não quer nada, só pelo movimento mesmo. Por estar com a cabeça abaixada, não vi direito o que se passou, só lembro de ter visto a bola passando pelo cabelo do adversário numa furada memorável e vindo na direção da minha testa. No momento que se sucedeu, eu tive a única reação possível: não fiz nada. Absolutamente nada. A bola bateu em qualquer lugar da minha cabeça e, sem força alguma, foi “caminhando” em direção ao gol. Algo bizarro mesmo. Nunca me esquecerei daquele momento. Vi, totalmente desacreditado, a bola entrar no gol, quase pondo por água abaixo a lei da Inércia. Me percebi correndo, juntamente com todo meu time e a torcida, comemorando o gol do empate que tinha gosto de decisivo. Parecia que tinha feito o gol da final da Copa do Mundo.”

Ainda é possível definir um terceiro estilo, que é o do *Bastidores do Esporte*, presente em 6% das crônicas. Estes poucos textos tratam de aspectos, como a responsabilidade de ser o tesoureiro dos jogos universitários ou a experiência de ser um voluntário durante as Olimpíadas, que também estão vinculados ao esporte e não podem passar despercebidos quando se fala do universo esportivo. O trecho seguinte é da crônica *Interusp XXX - O relato do Tesoureiro*, de Osiris Miguel Rodrigues Turim:

“O primeiro “nunca acreditei que eu pudesse ser capaz de tocar algo tão grande e fiz isso bem, dando o meu melhor”. O segundo “como foi bom ter vivido tudo isso”.

Quem vê de longe uma Atlética de uma faculdade, um time universitário e jogos universitários, não entende a dinâmica, a quantidade de responsabilidade que isso demanda ou o sentimento que ela nos traz. O InterUSP é a Copa do Mundo que a FEA não conquistou, o InterUSP foi o primeiro grande evento que eu organizei. InterUSP me fez rir e chorar, chamá-lo só de jogos, é um desrespeito a tudo que aconteceu na sua 30ª edição, nas passadas e não que se seguiram. O InterUSP é grande!”

2.2. Atividades vinculadas à Pesquisa

a) Acompanhamento das aulas

Durante o segundo semestre de 2017, tive a oportunidade de acompanhar as aulas da disciplina *CJE 0634 - Jornalismo Esportivo - a pauta além do futebol* com o professor Luciano Maluly. Pude acompanhar vários temas desenvolvidos durante as aulas que me auxiliaram a desenvolver este projeto de Iniciação Científica.

Entre as temáticas abordadas em sala de aula, algumas foram particularmente interessantes para a realização deste projeto, como: princípios e técnicas do jornalismo esportivo, olimpismo como filosofia do esporte e de vida, e principalmente, a produção de crônicas esportivas.

b) Palestras

1. *Crônicas Boleiras* de Francisco Bicudo, 6 de setembro, das 14 horas às 15h30.
2. *Jogos Olímpicos Via Web*, Carlos Augusto Tavares Júnior, 28 de agosto, das 14 horas às 15h30.

c) Visita Técnica

1. Esporte Clube Pinheiros - 23 de novembro, 14h.
2. Jamaica - 23 à 28 de outubro.
3. Centro de Práticas Esportivas da USP - diversas visitas.

d) Produção Bibliográfica

1. MALULY, Luciano Victor Barros Maluly & AMARAL, Alexandre de (ORGs). **Caderno de Jornalismo Esportivo - 3ª Edição**. São Paulo: ECA-USP, 2017.
2. AMARAL. Crônicas esportivas – estudo de caso sobre a produção acadêmica no Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA-USP. **Caderno de Resumos -**

Anais do 7º Encontro dos Pesquisadores do Alterjor. São Paulo, ECA-USP, 8 de dezembro de 2017

OBS; O trabalho será publicado por completo nos **Anais do 7º Encontro dos Pesquisadores do Alterjor. São Paulo, ECA-USP,**

e) Eventos Científicos

1. Participação e apresentação de trabalho no 7º Encontro dos Pesquisadores do ALTERJOR (Grupo de Pesquisa em Jornalismo Popular e Alternativo), 08 de dezembro de 2017. Auditório Freitas Nobre do CJE-ECA-USP.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Poder realizar esta pesquisa em Iniciação Científica sobre **Crônicas esportivas – estudo de caso sobre a produção acadêmica no Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA-USP** integrada ao PROCAD PPGCOM USP-UFMS-UFRN foi uma experiência muito enriquecedora, tanto pessoal quanto profissionalmente.

O acompanhamento das aulas da disciplina *CJE 0634 - Jornalismo Esportivo - a pauta além do futebol* e a oportunidade de participar de visitas técnicas e palestras sobre diferentes aspectos do esporte amador e competitivo me proporcionaram uma visão diferenciada sobre o papel do jornalismo esportivo na sociedade.

A partir do estudo do referencial teórico, foi possível estabelecer uma reflexão sobre o jornalismo esportivo, e mais especificamente a crônica esportiva, como atores de construção histórica e cultural muito além dos campos e quadras. Com esse cuidado em mente, foi um desafio e ao mesmo tempo uma experiência muito interessante poder contribuir com a produção de crônicas esportivas autorais, entendendo sua capacidade como gênero privilegiado entre jornalismo e literatura para mudança social.

Analisando quantitativa e qualitativamente a produção do *Caderno de Jornalismo Esportivo – Volume 3* pelos alunos da disciplina, é possível se chegar à algumas conclusões.

A primeira, e mais expressiva delas, é que a quantidade de crônicas de *Torcedores* escritas ao longo do caderno (78%) reflete a grande influência que as grandes competições e o esporte midiático (em grande parte movido pelos principais clubes de futebol) têm no dia a dia dos brasileiros. Inúmeras crônicas vincularam os “clubes do coração” com o lazer, com o trabalho e até mesmo com a família dos autores, deixando evidente a necessidade de uma cobertura jornalística de qualidade acerca deste assunto.

Outra consideração é que a grande maioria das crônicas relatam momentos que marcaram seus autores e inspiraram lições para toda uma vida, destacando o papel do esporte e principalmente do jornalismo esportivo na disseminação de valores como o respeito, amizade e excelência como instrumento de mudança social.

Finalmente, o conteúdo de algumas crônicas reforça o fato de que devemos pensar na cobertura jornalística não só em termos de atletas e resultados de alto rendimento, mas

também no esporte amador e seu papel na melhora da qualidade de vida dos cidadãos. E além disso, devemos ficar atentos aos aspectos e aos ensinamentos que acontecem fora das quadras, sejam eles na organização de um evento esportivo, na relação interpessoal das paixões esportivas ou até mesmo na atitude de um povo.

REFERÊNCIAS

AMARAL. *Crônicas esportivas – estudo de caso sobre a produção acadêmica no Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA-USP*. Caderno de Resumos do 7º Encontro dos Pesquisadores do Alterjor. São Paulo, ECA-USP, 8 de dezembro de 2017

BICUDO, Francisco. *Palestra - Crônicas Boleiras*. São Paulo, 2017.

<http://www.usp.br/cje/index.php/2017/09/06/palestra-cronicas-boleira-com-chico-bicudo/>

MALULY, Luciano Victor Barros Maluly & AMARAL, Alexandre de (ORGs). *Caderno de Jornalismo Esportivo - 3ª Edição*. São Paulo: ECA-USP, 2017.

MALULY, Luciano Victor Barros Maluly. *Jornalismo Esportivo - Princípios e Técnicas*. São Paulo: Editora do Autor, 2017.

SALDANHA, João. *Os subterrâneos do futebol*, Rio de Janeiro, Ed. José Olympio, 1980.

PROENÇA, Ivan Cavalcanti. *Futebol e Palavra*. Editora José Olympio. Rio de Janeiro, 1981.

TAVARES JÚNIOR, Carlos. *Palestra Jogos Olímpicos Via Web*. São Paulo, 2017.
<http://www.usp.br/cje/index.php/2017/09/01/palestra-jogos-olimpicos-via-web-2/>